

A BÍBLIA COMO LITERATURA AFRICANA: O Discurso Religioso no Olhar da Igualdade Racial

André da Silva Barros

Resumo:

O presente artigo pauta-se na Bíblia Sagrada como sendo um livro da literatura africana, uma vez compreendida a noção de que Moisés, cuja história representa a sétima parte da Bíblia, autor dos cinco primeiros livros das Escrituras, nasceu e se criou em território africano. Sua formação ocorrera nos palácios do Egito, sendo que muito do que é percebido em seu Pentateuco pode ser encontrado na literatura secular da época. A reflexão será feita a partir de informações de autores que estudaram a relação entre a Bíblia (como a Comissão Católica Internacional, o biógrafo São Jerônimo, o enciclopedista Orlando Boyer, o pastor Martin Luther King Junior, o deputado Marco Feliciano e o papa João Paulo II), os estudos culturais (Antônio Sérgio Alfredo Guimarães e Stuart Hall), a arte (Manuel de Ataíde), envolvendo o negro (Marcos Rodrigues da Silva) e a egiptologia (faraó Akhenaton, Albert Adu Boahen e Alain Quesnel), além da legislação que incentiva o estudo da Cultura Africana e das relações étnico-raciais nas escolas públicas. Ver-se-á o mapeamento de personagens e contatos africanos no Antigo e no Novo Testamento, dos papas e bispos africanos do início da Igreja e suas contribuições e a relação entre artistas afrodescendentes brasileiros que usaram como tema os trechos bíblicos.

Palavras-chave: Bíblia. Literatura Africana. Influência egípcia.

Abstract:

This article is guided in the Holy Bible as a book of African literature, once understood the notion that Moses, whose story is the seventh part of the Bible, author of the first five books of the Scriptures, was born and had grown up in the African territory. Its formation occurred in the palaces of Egypt and much of what is cognized in his Pentateuch can be found in secular literature of the time. The reflection will be taken from information from authors who have studied the relationship between the Bible (such as the International Catholic Commission, the biographer saint Jerome, the encyclopaedist Orlando Boyer, priest Martin Luther King Junior, the congressman Marco Feliciano and Pope John Paul II), cultural studies (Antonio Sérgio Alfredo Guimarães and Stuart Hall), art (Manuel de Ataíde), involving the black (Marcos Rodrigues da Silva) and Egyptology (Pharaoh Akhenaten, Albert Adu Boahen and Alain Quesnel), and the legislation that encourages the study of African culture and ethnic-racial relations in public schools. It will be seen the mapping of African characters and contacts in the Old and New Testaments, the Popes and African bishops of the early Church and their contributions and the relationship between Brazilian artists African descent who used to fear the biblical passages.

Keywords: Bible. African literature. Egyptian influence.

1. 1. Fundamentos do discurso religioso na formação da identidade do ser humano

“Contudo, devo também dizer, há certas relações muito estreitas entre a diáspora negra e a diáspora judaica — por exemplo, a experiência de sofrimento e exílio, e a cultura do livramento e da redenção que resultam daí. Isto explica porque o rastafarismo usa a Bíblia, o reggae usa a Bíblia, pois ela conta a história de um povo no exílio dominado por um poder estrangeiro, distante de “casa” e do poder simbólico do mito redentor. Portanto, toda a narrativa da colônia, da escravidão e da colonização esta reinscrita na narrativa judaica. E no período da pós-emancipação, muitos escritores afro-americanos exploraram fortemente a experiência judaica como metáfora. Para as igrejas negras nos Estados Unidos, a fuga da escravidão e o livramento do “Egito” eram metáforas paralelas.” (HALL, 2003, p. 417)

O que se entende por igualdade racial? Será que socialmente existe uma raça humana que seja diferente da outra a partir do critério da cultura, do povo, da nação de cada pessoa ou grupo, ou existe como visto pela Biologia apenas uma espécie? Guimarães (2013, p. 95) responde que há esta diferença, o que depende do sentido analítico que se quer atribuir ao conceito. Para ele:

“[...] as raças são, cientificamente, uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trata das identidades sociais. Estamos, assim, no campo da cultura, e da cultura simbólica. Podemos dizer que as “raças” são efeitos de discursos; fazem parte desses discursos sobre origem (Wade 1997). As sociedades humanas constroem discursos sobre suas origens e sobre a transmissão de essências entre gerações. Esse é o terreno próprio às identidades sociais e o seu estudo trata desses discursos sobre origem. Usando essa ideia, podemos dizer o seguinte: certos discursos falam de essências que são basicamente traços fisionômicos e qualidades morais e intelectuais; só nesse campo a ideia de raça faz sentido. O que são raças para a sociologia, portanto? São discursos sobre as origens de um grupo, que usam termos que remetem à transmissão de **traços fisionômicos, qualidades morais, intelectuais, psicológicas, etc., pelo sangue** (conceito fundamental para entender raças e certas essências).” (GUIMARÃES, 2013, p. 96) [grifo nosso]

O que faz alguém entender que os “traços fisionômicos, as qualidades morais, intelectuais, psicológicas, o sangue”, a cor de pele, a língua, o pensamento são capazes de distinguir uma espécie a ponto de se pensar pertencente a esta ou aquela raça? Como é possível, em sociedade, conhecer e respeitar o próximo, independente de sua condição ou opção sexual, racial, religiosa, cultural?

A Constituição Brasileira diz no artigo quinto que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 2013a, p. 5), bem como o Catecismo Católico:

“1935. A igualdade entre os homens diz respeito essencialmente à sua dignidade pessoal e aos direitos que daí decorrem. Qualquer forma de discriminação nos direitos fundamentais da pessoa, seja (essa discriminação) social ou cultural, ou que se fundamente no sexo, na raça, na cor, na condição social, na língua ou na religião deve ser superada e eliminada, porque contrária ao plano de Deus.” (COMISSÃO CATÓLICA INTERNACIONAL, 2000a, p. 512)

Boyer (2013, p. 638) diz que **RAÇA** é “espécie, variedade, casta, classe” (De um só fez toda r humana, At 17.26. Sois r eleita, 1 Pe 2.9). Versículos reforçam a noção de igualdade entre os homens e que condenam a acepção de pessoas, o preconceito e a consequente discriminação, inclusive atos de racismo são:

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gênesis 1:27)

“Na verdade reconheço que Deus não faz acepção de pessoas.” (Atos dos Apóstolos 10:34)

“Pois para com Deus não há acepção de pessoas.” (Romanos 2:11).

“Todos os homens pecaram.” (Romanos 3.23),

“Por isso em Cristo não deve existir nem judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.” (Gálatas 3.28).

“Mas se fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo por isso condenados pela lei como transgressores.” (Tiago 2:9)

Mas, e quando existe por detrás da formação da sociedade uma ideologia calcada no preconceito, no racismo, na desigualdade, sem respeitar os traços sociais, culturais, sexuais, de raça, de cor, de condição social, linguísticas, religiosas, como fazendo parte da identidade da pessoa? Hall diz que:

“A manutenção de identidades racializadas, étnico-culturais e religiosas, é obviamente relevante a autocompreensão dessas comunidades. O fator da "negritude" é decisivo para a identidade da terceira geração de afro-caribenhos, assim como e a fé hindu ou muçulmana para a segunda geração de certos asiáticos. Mas certamente essas comunidades não estão emparedadas em uma Tradição imutável. Assim como ocorre na maioria das diásporas, as tradições variam de acordo com a pessoa, ou mesmo dentro de uma mesma pessoa, e constantemente são revisadas e transformadas em resposta as experiências migratórias. Ha notável variação, tanto em termos de compromisso quanto de prática, entre as diferentes comunidades ou no interior das mesmas – entre as distintas nacionalidades e grupos linguísticos, no seio dos credos religiosos, entre homens e mulheres ou gerações.” (HALL, 2003, p. 66)

Hall parece propor aqui um estudo cultural sobre identidade e ainda sobre religião. Para ele, existem, dentro da identidade do homem negro, divisões a partir do fenômeno religioso, tais como o negro católico, o negro protestante e o negro rastafári ou

afro-caribenho e por que não dizer além “do católico, o negro do sincretismo, das matrizes africanas e os islâmicos” (Silva, 1987, p. 18, 19)? Isso chama a atenção para o poder que o discurso religioso possui sobre a formação da pessoa, sendo este um fator cultural determinante.

Hall (2003, *passim*), levando em consideração esta questão, cita trinta e nove vezes a palavra “religião”, tendo como conceito um elemento da formação cultural inerente a todo ser humano, assim como a questão étnica e linguística. Segundo ele:

“Na Jamaica, por exemplo, seus traços ainda podem ser encontrados em milhares de locais não investigados — nas **congregações religiosas** de todos os tipos, formais e irregulares; **nas vozes marginalizadas dos pregadores e profetas populares de rua**, muitos deles loucos declarados; nas histórias folclóricas e formas narrativas orais; nas **ocasiões cerimoniais e ritos de passagem**; na nova linguagem, na música e no ritmo da cultura popular urbana, assim como nas tradições políticas e intelectuais — no **garveyismo, no "etiopismo", nas renovações religiosas e no rastafarismo**. Este, sabemos, rememorou aquele **espaço mítico**, a "Etiópia", onde os reis negros governaram por mil anos, local de uma congregação cristã estabelecida séculos antes da cristianização da Europa Ocidental. Mas, como movimento social, ele nasceu realmente, como sabemos, naquele "local" fatídico, mas ilocalizável mais próximo de casa, onde o retorno de Garvey encontrou a pregação do Reverendo Hibbert e os delírios de Bedward, levando ao recolhimento na comunidade rastafári, Pinnacle, e a dispersão forçada desta.” (HALL, 2003, p. 42, 43) [sic, **grifo nosso**]

Hall compara a religião com movimentos sociais e questões míticas (op. cit, p. 42), com traços culturais compartilhados e de aproximação e identidade (p. 66), regionais, urbano-rurais, culturais (p. 69), com etnicidade (p. 70), racismo (p. 71) discriminação, exclusão e diferenciação cultural (p. 72), com tolerância e liberdade de expressão (p. 77), identificação e pertencimento (p. 78), dissidência política (p. 83), padrões de consumo (p. 93), conflito de gerações e o declínio da religião (p. 94), associações fenotípicas apoiadas numa deturpação da leitura bíblica (p. 192), com teóricos políticos como Marx e Gramsci (p. 295) e a luta ideológica, gerando um repertório religioso (p. 193, 269), artistas como Bob Marley (p. 194), escritores como Bakhtin que estudam a linguagem (p. 234) e enquanto reducionismo econômico (p. 305), sociedade civil (p. 317), movimento social, cultural e ideologia orgânica (p. 321) e bíblica (p. 417).

“Uma outra, inteiramente diferente, e gerada dentro dos poderosos discursos religiosos que tanto tem varrido o Caribe: a associação da luz com Deus e o espírito, e da Escuridão ou "negrume" com o Inferno, o Diabo, o pecado e a condenação. Quando eu era criança e era levado à igreja por uma das minhas avós, pensava que o apelo do pastor negro ao Todo Poderoso, "Senhor, ilumine

nossa escuridão", fosse um pedido bem específico por um pouco de assistência divina pessoal." (Hall, 2003, p. 192)

Chega-se aqui ao ponto crucial da questão. A identidade que caracteriza uma pessoa ou uma comunidade não deveria ser um elemento opressor, como é o caso do que foi feito com o negro nestes últimos quinhentos anos de colonização europeia: a escravidão. Segundo Boyer:

“ESCRAVO: Cativo que esta debaixo do poder absoluto do seu senhor por compra, herança ou guerra. A escravatura remonta aos primeiros tempos do governo humano. Jose, moço de 17 anos, foi vendido por 20 siclos de prata, Gn 37.28. Um escravo avaliado em 30 siclos de prata. Ex 21.32. O escravo hebreu, ao sétimo ano, saíra forro, de graça, Êx 21.2. Alguns escravos preferiam continuar a servir seus senhores, Dt 15.16. A lei da escravidão das filhas vendidas por seu pai, Êx 21.7-11. As leis a favor dos escravos, Lv 25.39-55. Os escravos que fugissem de terras estrangeiras tinham direito de habitar na terra, no lugar que mais lhes agradasse, Dt 23.15,16. Os filhos de escravos permaneciam escravos; eram “nascidos em casa,” n 14.14; 17.12; Ec 2.7. Não consta que houvesse mercado de escravos na terra de Israel. As medidas de Neemias contra a usura e a escravidão, Ne 5. O Novo Testamento não aconselha conflitos com as leis do país estabelecidas acerca da escravidão, 1 Co 7.21. Os romanos recrutavam os escravos entre os prisioneiros de guerra e os povos vencidos até o número em Roma exceder a cifra da população livre. Recomenda-se nas Escrituras que o escravo seja obediente a seu senhor, Ef 6.5-8; Cl 3. 22-25; 1 Tm 6.1, 2; 1 Pe 2.18-21. O escravo fugido deve voltar ao seu senhor, Fm 10-16. Os senhores, entre os romanos, tinham direito de vida e de morte sobre os escravos. Mas os senhores crentes devem tratar aos escravos com justiça e equidade e não os ameaçar, Cl 4.1; Ef 6.9. Paulo não condenou a escravatura, mas o que ele ensinou foi um golpe mortal a raiz deste mal. A escravatura foi abolida na Rússia em 1861, na Índia inglesa em 1833, nas colônias francesas em 1848, nas colônias portuguesas em 1856, nos Estados Unidos em 1865 e no Brasil em 1888. || O e prudente dominara sobre o filho que causa vergonha, Pv 17.2. Jamais fomos e de alguém, Jo 8.33. Não vos torneis e de homens, 1 Co 7.23. Sendo livre de todos, fiz-me e de todos, 1 Co 9.19. Quer judeus, quer gregos, quer e, 1 Co 12.13. Não pode haver judeu nem grego; nem e nem liberto, Gl 3.28. O tempo em que o herdeiro e menor, em nada difere de e, Gl 4.1. Abraão teve dois filhos, um da mulher e, Gl 4.22,30. Prometendo-lhes liberdade, quando eles mesmos são e, 2 Pe 2.19. Todo e e todo livre se esconderam nas cavernas, Ap 6.15. De carros, de e, e ate almas humanas. Ap 18.13.” (BOYER, 2013, p. 199)

Percebe-se através deste verbete da enciclopédia de Boyer, que várias são as passagens bíblicas que fundamentam a escravidão, seja para explicá-la, seja para regulamentá-la (humanizá-la), seja para defendê-la, seja para criticá-la. Um exemplo bem evidente é o que aparece a seguir:

“Então Judá disse aos seus irmãos: Que proveito haverá que matemos a nosso irmão e escondamos o seu sangue? Vinde e vendamo-lo a estes ismaelitas, e não seja nossa mão sobre ele; porque ele é nosso irmão, nossa carne. E seus irmãos obedeceram. Passando, pois, os mercadores midianitas, tiraram e alçaram a José

da cova, e venderam José por vinte moedas de prata, aos ismaelitas, os quais levaram José ao Egito.” (Gênesis 37:26-28)

“E uma mulher, das mulheres dos filhos dos profetas, clamou a Eliseu, dizendo: Meu marido, teu servo, morreu; e tu sabes que o teu servo temia ao SENHOR; e veio o credor, para levar os meus dois filhos para serem servos.” (2 Reis 4:1)

O pensamento teológico da Bíblia foi a grande arma para o convencimento de que a escravidão se fizesse importante e necessária. Foi através da Igreja e do uso da Bíblia que primeiro era preciso dominar o corpo para libertar a alma: os negros precisavam ser catequizados (do grego *kateké*: ensinados), ao mesmo tempo em que trocava a oportunidade pelo que tinham de útil: sua força de trabalho.

“Analisaremos, no período da escravidão, as duas maiores instituições da época: o engenho, com o seu “senhor”, e a Igreja, com uma prática de sacramentalização e justificação da escravatura.” (SILVA, 1987, p. 11)

E ainda:

“Paciência, resignação e obediência eram o catecismo que os padres ensinavam ao escravo. Alguns chegavam a dizer que os negros eram filhos “do maldito” e constituíam uma raça de condenados cuja salvação estava em servir ao branco com paciência e devoção. Outros representavam o papel de mediadores entre a casa-grande e a senzala. Pregavam a obediência a uns e a moderação e benevolência a outros. Dizia-se nessa época que a confissão era o melhor antídoto contra as insurreições.” (VIOTTI, in: SILVA, 1987, p. 13) [itálico do autor]

Silva continua falando da cumplicidade da Igreja em relação à escravidão africana e da importante reflexão atual da Igreja Católica a respeito de suas ações no passado:

“Na sociedade escravagista, a Igreja não só compactuou com os excessos cometidos nos pelourinhos e com as torturas nas senzalas como também, dentro dos seus espaços eclesiais, favoreceu a introdução da mão-de-obra escrava negra africana. Concretamente, somente nesta última década, a Igreja está retomando no seu seio a reflexão sobre a sua real participação durante o período da escravidão no Brasil. Essa postura consciente dos seus desvios do anúncio verdadeiro da mensagem evangélica terá consequência profunda no futuro da pastoral, da eclesiologia e da renovação litúrgica iniciada com as decisões tomadas a partir do Concílio Vaticano II (1962 a 1965).” (SILVA, 1987, p. 13)

Mas é somente em 1998, que veio o que a Igreja Católica Apostólica Romana chamou de Ano de Jubileu do Milênio, quando o então papa João Paulo II pediu perdão pelos atos cometidos contra os não-católicos:

“[...] o Papa "pede perdão, em nome de todos os católicos, pelos males causados

aos não-católicos ao longo da história" junto dos morávios (cf. canonização de Jan Sarkander, na República Checa, em 21 de Maio de 1995). Desejou cumprir um "acto de expiação" e pedir perdão aos índios da América Latina e aos africanos deportados como escravos (*Mensagem aos índios da América*, S. Domingo, 13 de Outubro 1992; *Discurso* na audiência geral de 21 de Outubro de 1992). Dez anos antes havia já pedido perdão aos africanos pelo tráfico de negros." (COMISSÃO CATÓLICA INTERNACIONAL, 2000a, p. 512).

1. 2. A necessidade do estudo da Cultura Africana

"Como todas as outras esferas da vida civil, a religião requer organização: ela possui seus locais específicos de desenvolvimento, seus processos específicos de transformação, suas práticas específicas de luta." (GRAMSCI in: HALL, 2013, p. 323.).

Analisando a Resolução CNE/CP nº 01/04, que *"institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana"*, vê-se que um dos princípios das *"Ações Educativas de Combate ao Racismo e a Discriminações"* é o de que *"o ensino de Cultura Africana abrangerá as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais"*.

A Bíblia nasceu no Egito, África. E embora se perceba um consenso em deslocar didaticamente o país do continente, aproximando-o da Ásia (Boyer, Boucier), há uma crítica a esse distanciamento geográfico-político devolvendo o país ao território de origem (Boahen).

"EGITO, gr. *Aegyptus*, a terra do Nilo: Chamado em hebraico, Mizraim (ver 1 Cr 1.8); pelos próprios egípcios, Kam-t; pelos cananeus, Misru e, às vezes a terra de Cão, Sl 105.23,27;106.22, O Egito é um país ao sudoeste da Palestina e da Síria. A divisa entre o Egito e a Palestina não é uma alta cordilheira nem um grande rio, mas apenas um arroio que se chama o ribeiro (ou o rio) do Egito, Nm 34.5; Js 15.4,47. O país é um vale relativamente estreito, dominado pelas cordilheiras arábicas e líbica e pelo meio do qual corre o Nilo, que o fecunda com as suas inundações regulares, depois de o ter formado com as suas aluviões. A sua civilização, uma das mais antigas, atingiu, nos tempos dos faraós, um alto grau de perfeição nas artes, nas ciências e nas letras. Algumas cidades e lugares do Egito, mencionados nas Escrituras, são: Alexandria, At 27.6. Áven, Ez 30.17. Baal-Zefom. Êx 14.2. Gósen, Gn 45.10. Mênfis, Os 9.6. No, ou Tebas, Na 3.8. Om, Gn 41.45. Patros, Is 11.11. Pitom, Êx 1.11. Ramessés, Êx 1.11. Sim, Ez 30.15. Sucote, Êx 12.37. Tafnes, Ez 30.18. Zoa. Nm 13.22. Abraão no Egito, Gn 12.10. José no Egito, Gn 37.28. Israel no Egito, Gn 47.27. A opressão dos filhos de Israel no Egito, Êx 1.11. As pragas, Êx 7 a 12. O êxodo, Êx 12.37. Os filhos de Israel querem voltar ao Egito, Nm 14. Salomão aparentou-se com o rei do Egito, 1 Rs 3.1. Jeroboão fugiu para o Egito, 1 Rs 11.40. Sisaque, rei do Egito, subiu contra Jerusalém, 1 Rs 14.25. O rei do Egito matou o rei Josias, 2 Rs 23.29. Os cavalos de Salomão vinham do Egito. 2 Cr 1.16. Profecia contra o Egito, Is 19. Judeus moradores do Egito, Jr 44.1. Toma o menino e sua mãe, fuge

para o Egito, Mt 2.13. Do Egito chamei o meu Filho, Mt 2.15. Judeus de todas as nações... do Egito, At 2.10. Maiores riquezas do que os tesouros do Egito, Hb 11.26. Pela fé Moises abandonou o Egito, Hb 11.27. Cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, Ap 11.8.” (BOYER, 2013, p. 184)

Apesar de Boyer citar duzentas e trinta e oito vezes a palavra “Egito”, em nenhuma delas faz relação entre o país e a África. Ao contrário, diz que o Egito fica entre a Palestina e a Síria. Esse problema não aparece somente aqui. Boucier (2001, p. 12-14), por exemplo, ao escrever *A História da Dança no Ocidente*, coloca o país como o segundo das três regiões em que se desenvolveram a dança no que ele chama de *A dança nos antigos impérios: O Oriente Médio, O Egito dos faraós e A dança entre os hebreus*. Há de lhe dar os devidos créditos ao assemelhar as manifestações egípcias com a arte da África do Sul e do Tassili, atualmente um sítio arqueológico ao sudeste da Argélia. Quem busca recolocar o Egito na África é o editor Albert Adu Boahen (2010, *passim*) quando, em seu livro, a palavra “Egito” aparece duzentas vezes, corroborando para o fato de o país pertencer a este continente.

Como foi visto na citação de Boyer, o nome “Egito” em sua língua original é *Kemet*, terra de Cam. Cam foi um dos filhos de Noé, pai de Canaã, que teria recebido a maldição de que sua descendência seria servo dos servos:

“**CÃO**, *hb. Quente*: Um dos filhos de Noé, talvez o segundo, Gn 5.32; 6.10; 7.13; 9.18, 22. Nome poético do Egito: “a terra de Cão”; Sl 105.23. Os povos da Arábia, de Canaã, do Egito e da Etiópia são, em grande parte, descendentes de Cão. Ver Gn 10.6-14. A língua dos egípcios é uma das chamadas camíticas.” (BOYER, 2013, p. 110)

“**CANAÃ**, *hb. Baixo, plano*: 1. A terra de, Êx 23.31; Js 1.4; Sf 2.5; Mt 15.22. Recebeu seu nome em honra do filho de Noé, Êx 15.15. Prometida a Abraão, Gn 12.5-7; 13.14, 15; Gn 13.12, 13; 19. Israel admoestado a não fazer segundo as suas obras, Lv 18.3, 24. As filhas de Canaã, Gn 28.1, 6, 8. A língua de Canaã, Is 19.18. Os reinos de Canaã, Sl 135.11. As guerras de Canaã, Jz 3.1. Habitavam em Canaã: Abraão, Gn 13.12; Isaque, Gn 28; Jacó, Gn 37.1; Esaú, Gn 36; Josué, Gn 37, Homens enviados para espíarem Canaã. Nm 13.2. Canaã a herança dos israelitas, Js 14. Moisés, do cume de Pisga, contempla esta terra, Nm 27.12; Dt 3.27; 34.1. 2. O quarto filho de Cão e neto de Noé, Gn 10.6. Noé pronuncia maldição sobre Canaã, Gn 9.18, 25.” (BOYER, 2013, p. 108)

Houve recentemente um escândalo envolvendo o pastor e deputado federal Marco Feliciano, presidente da Comissão dos Direitos Humanos, cujo comentário sobre a maldição de Canaã foi visto pela população como um depoimento racista. A revista VEJA, publicada pela Editora Abril, traz a entrevista que fala também sobre a maldição que

ocorreria sobre o país africano, utilizando a Bíblia para justificar sua teoria:

“Deputado evangélico vê maldição sobre África

Marcos Feliciano diz que episódio bíblico pode explicar tragédias também no Haiti e até no Brasil. E não teme ser visto como racista.

CASTRO – O senhor ficou surpreso com a reação ao que escreveu no Twitter?

PASTOR – Com certeza. A princípio, eu nem acreditei no que eu estava lendo. Tentaram unir o que foi postado no meu Twitter ao caso do deputado Bolsonaro, que não tem nada a ver. A minha equipe é quem postou essa mensagem, mas eu assumo a responsabilidade. A pergunta que foi postada é de cunho teológico. Você conhece um pouquinho da Bíblia?

CASTRO – Sim.

PASTOR – Então. Noé, ao ficar bêbado e nu, viu o filho mais novo rir dele. Quando voltou a si Noé jogou uma maldição sobre a descendência do filho. Ele chama o filho, Cão, e diz: “Maldito seja Canaã, seu filho”. Amaldiçoou o neto. A pergunta teológica é essa: por que é que Noé fez isso?

CASTRO – E por quê?

PASTOR – É simples: aconteceu alguma coisa, que a Bíblia não deixa claro, que o deixou extremamente furioso. Não foi apenas o fato de o filho ter o visto nu. De Cão, veio (sic) Canaã e outros filhos que povoaram a Etiópia, ou o continente africano. Por isso sobre a África sempre repousam fome, tristeza e guerra de etnias. Alguns facínoras foram levantados lá, como Idi Amim, Jonas Savimbi, além do vírus Ebola, da Aids. O peso da maldição permanece... Quem divulgou isso foram eles. Apesar de ter sido bom para mim: me deu visibilidade. Eu era praticamente desconhecido. Hoje, toda a imprensa nacional me ligou e eu estou tendo a oportunidade de me apresentar.

CASTRO – O senhor não teme ser visto como racista?

PASTOR – Não, porque não existem só negros na África. Há brancos na África do Sul. As pessoas não podem pensar assim, até porque eu sou descendente afro. Quem olhar para mim vai ver meu cabelo é crespo, meu nariz é largo.

CASTRO – Então a maldição vale para o senhor?

PASTOR – Ela cabe ao continente africano.

CASTRO – Mesmo para um branco que more lá?

PASTOR – Sim. É uma maldição espiritual, que recai sobre o continente. Mas eu conheço muitas pessoas de lá que entregaram a vida para Cristo e hoje vivem muito bem.

CASTRO – Existe alguma maldição sobre nós, brasileiros? Isso é difícil. Mas nós também recebemos o gene africano. Por isso, alguns lugares do Brasil são muito pesados. Todas as cidades, especialmente as de beira-mar, que tiveram entrada de escravos.

CASTRO – Quando o Haiti foi atingido pelo último terremoto, o embaixador do país no Brasil chegou a dizer que o vodu era a causa da tragédia. O que o senhor acha?

PASTOR – Ele tem conhecimento bíblico. Pegue todos os lugares onde você vê acontecer essas misérias. Quais deles se segue o monoteísmo, o Cristianismo? Geralmente essas desgraças acontecem em lugares desse jeito. Quem já foi à Índia sabe a miséria que é. Eles têm milhares de deuses, adoram de uma barata a uma árvore. O continente africano tem com a bruxaria e o vodu, como o Haiti.

CASTRO – Então tudo se explica por essa análise? O terremoto do Japão, por exemplo?

PASTOR – O deus japonês não é um deus cristão. É Buda, ou outros deuses. Analise em outros lugares e você vai ver.

CASTRO – O senhor não gostou de ser comparado com o deputado Jair Bolsonaro?

PASTOR – Se o que dizem que ele falou é verdade, eu repudio completamente.

Sinto nojo de qualquer tipo de preconceito, racismo, retaliação com minorias. Até porque eu faço parte de uma minoria: os evangélicos.

CASTRO – Mas concorda com ele sobre os gays?

PASTOR – Se Deus, que é Deus, não se mete na vida de ninguém, quem sou eu para me meter? Todavia, que eles pratiquem o que quiserem praticar na vida deles, não tragam isso para os olhos dos meus filhos, para o meio da sociedade. Não quero ver na rua um homem beijando outro homem.

CASTRO – O senhor é da base da presidente Dilma. Não acha que essas declarações podem lhe criar problemas?

PASTOR – Não, porque isso é insignificante. Só se alguém quiser fazer maldade. Você é uma pessoa esclarecida, eu te dei os pontos e mostrei que é apenas uma questão teológica.

CASTRO – Não é uma visão muito ligada ao Velho Testamento, que já teria sido superada?

PASTOR – Tudo o que nós herdamos, herdamos do Velho Testamento. Aí vem Jesus e faz tudo novo. Mas o homem tem que aceitar Jesus como Salvador. O Velho Testamento é o antigo pacto. O antigo pacto é quebrado com o novo.

CASTRO – Então a maldição serve para os africanos, coletivamente, mas, individualmente, cada africano pode ser salvo?

PASTOR – Claro. E se Deus abençoar um dia e o líder do país confessar sua fé num único Deus, o país todo é livre, porque ele é autoridade máxima do país.” (CASTRO, 2014)

Se realmente, como quis o deputado, os negros fossem amaldiçoados por serem descendentes de Canaã, africanos, justificaria a escravidão e a miséria ocorrida em vários países deste continente e de outros continentes ocupados pela população negra, haveria um grave problema para a Cristologia, cujo conceito principal é a salvação por Jesus Cristo através de seu sacrifício e de sua ressurreição. Não haveria salvação, pois o sangue de Cristo estaria contaminado:

“Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Abraão gerou a Isaque; e Isaque gerou a Jacó; e Jacó gerou a Judá e a seus irmãos; E Judá gerou, de **Tamar**, a Perez e a Zerá; e Perez gerou a Esrom; e Esrom gerou a Arão; E Arão gerou a Aminadabe; e Aminadabe gerou a Naassom; e Naassom gerou a Salmom; E Salmom gerou, de **Raabe**, a Boaz; e Boaz gerou de **Rute** a Obede; e Obede gerou a Jessé; E Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi gerou a Salomão da que foi mulher de Urias. E Salomão gerou **[da rainha do Egito]** a Roboão; e Roboão gerou a Abias; e Abias gerou a Asa.” (Mateus 1:1-7) **[grifo nosso]**

Aqui, encontramos pelo menos quatro mulheres que teriam recebido a maldição e transmitido para Jesus Cristo, descendente direto delas: Tamar, de Timna, cidade filisteia (Gn 38:13; Jz 14:1), Raabe, a prostituta de Jericó (Js 6:23), Rute, a moabita, cujo povo morava nas alturas da região canaanita de Jericó (Nm 22:1) e a esposa de Salomão, filha do rei do Egito (1 Re 3:1; Ct 1: 5,6). No livro mais romanceado da Bíblia, Cântico dos Cânticos, a esposa de Salomão confessa sofrer atos racistas pelos membros da própria família:

“Não olheis para o eu ser morena, porque o sol resplandeceu sobre mim; os filhos de minha mãe indignaram-se contra mim, puseram-me por guarda das vinhas; a minha vinha, porém, não guardei.” (Cântico dos cânticos 1:6)

Por isso, a **BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL** (1995, p. 46) corrige Feliciano:

“[Gênesis] 9.25 **MALDITO SEJA CANAÃ**. Quando Noé ficou sabendo do ato desrespeitoso de Cam, pronunciou uma maldição sobre Canaã, filho de Cam (i.e., não sobre o próprio Cam). (1) Talvez Canaã estivesse de alguma maneira envolvido no pecado de Cam, ou tivesse os mesmos defeitos de caráter do seu pai. A maldição prescrevia que os descendentes de Canaã (**os quais não eram negros**) seriam oprimidos e controlados por outras nações. Por outro lado, os descendentes de Sem e Jafé teriam a bênção de Deus (vv. 26,27). (2) Essa profecia de Noé era condicional à todas as pessoas a quem ela foi dirigida. Qualquer descendente de Canaã que se voltasse para Deus receberia, também, a bênção de Sem (Js 6.22-25; Hb 11.31); mas também quaisquer descendentes de Sem e de Jafé que se desviassem de Deus teriam a maldição de Canaã (Jr 18.7-10).” (BÍBLIA, 1995, p. 78) **[grifo nosso]**

1. 3. **Moisés e a Bíblia como Literatura Africana**

Moisés, o autor dos cinco primeiros livros bíblicos nascera às margens do principal rio africano, enquanto seu povo era escravizado pelos egípcios. Interessante aqui o fato de os africanos serem os escravistas. Isso não será diferente em várias passagens bíblicas. Moisés, Pedro e Paulo falaram sobre a escravidão como algo próprio da realidade em que viviam. Eles não têm a pretensão de fazer uma revolução político-econômica na sociedade na qual a escravidão está inserida, antes adverte o senhor feudal a tratar com humanidade seu escravo:

“Se comprares um servo hebreu, seis anos servirá; mas ao sétimo sairá livre, de graça. Se entrou só com o seu corpo, só com o seu corpo sairá; se ele era homem casado, sua mulher sairá com ele. Se seu senhor lhe houver dado uma mulher e ela lhe houver dado filhos ou filhas, a mulher e seus filhos serão de seu senhor, e ele sairá sozinho. Mas se aquele servo expressamente disser: Eu amo a meu senhor, e a minha mulher, e a meus filhos; não quero sair livre, Então seu senhor o levará aos juizes, e o fará chegar à porta, ou ao umbral da porta, e seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela; e ele o servirá para sempre.” (Êxodo 21:2-6)

“Vós, servos, obedeci a vossos senhores segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo; Não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus; Servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens. Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre. E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há aceção de pessoas.” (Efésios 6:5-9)

A Bíblia reconhece que a sociedade presente na época lidava com a escravidão de maneira natural para a produção de trabalho e para o comércio:

“**SERVIDÃO:** Condição de servo ou escravo. Estado daquele que é servo, escravo. Os egípcios fizeram amargar a vida com duras s. Êx 1.14. Os filhos de Israel gemiam sob a s, Êx 2.23. O Senhor com mão forte nos tirou da s, Êx 13.14. Que te tirei da casa de s, Êx 20.2. Alivia tu a dura s, 2 Cr 10.4. Desfaças as ataduras da s, Is 58.6. A s de Israel no Egito, Êx 1.12; At 7.6; em Babilônia, 2 Rs 25; Ne 1; Dn 1; aos filisteus, Jz 13. 1; 15.11; 1 Sm 13.19-22; 14.11.” (BOYER, 2013, p. 493)

Há palavras proféticas em relação aos opressores:

“Ouvi esta palavra vós, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, que oprimis aos pobres, que esmagais os necessitados, que dizeis a vossos senhores: Dai cá, e bebamos.” (Amós 4:1)

“E cobiçam campos, e roubam-nos, cobiçam casas, e arrebatam-nas; assim fazem violência a um homem e à sua casa, a uma pessoa e à sua herança.” (Miqueias 2:2)

Moisés, ao completar sua infância, foi criado no palácio de Faraó, como seu herdeiro (Êx 2:9,10) Ao completar quarenta anos de idade, foi impulsionado por um sentimento de patriotismo a assassinar um egípcio ao vê-lo maltratando um hebreu. Ao chegar até a presença de seu futuro sogro, é confundido com um egípcio que teria ajudado as filhas de Jetro no trabalho de buscar água do poço. (Êx 2:17-19)

Passados mais quarenta anos, volta do deserto de Midiã para as margens do Nilo, local onde havia nascido, para começar a saga da libertação, tendo através de sua vida ocorrido vários milagres, como as dez pragas e a abertura do Mar Vermelho. Para Boyer:

“**MOISES**, *hb. Tirado*: Libertador, estadista, historiador, poeta, moralista e legislador hebreu – o maior vulto do Antigo Testamento. Deus o usou para formar, de uma raça de escravos egípcios, e sob as maiores dificuldades, uma nação agressiva e poderosa que completamente alterou o curso da humanidade. A história de Moisés ocupa os livros de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio – a sétima parte da Bíblia. Ele merece a fama de ter sido um dos maiores homens de todas as épocas. Da tribo de Levi, Êx 2.1. Filho de Anrão e Joquebede, Nm 26.59. Os pais, pela fé, não temem o decreto do rei, ocultando seu filho, Hb 11.23. Salvo das águas do Nilo e criado como filho da filha de Faraó, Êx 2.10. Educado em toda a ciência dos egípcios, At 7.22. Pela fé, quando homem feito, rejeita a glória do Egito, recusando ser chamado filho da filha de Faraó, Hb 11.24. Mata um opressor egípcio, Êx 2.12. Pela fé abandona o Egito, fugindo para a terra de Midiã, Ex 2.15; Hb 11.27. Casa-se com Zípora, filha de Jetro, Êx 2.21; 18.12. Peregrina 40 anos em Midiã, At 7.30. Nascem-lhe Gerson e Eliezer, Êx 2.22; 18.3,4. Deus lhe aparece do meio da sarça ardente, Êx 3. A circuncisão de Gerson, Êx 4.25. Se encontra com Arão e os anciãos, Êx 4.27-31.

Entrevista com Faraó, Êx 5.1. Pela fé celebra a páscoa, Hb 11.28; Êx 12. Israel parte do Egito, Êx 13.17. [...] Passou 40 anos no Egito, At 7.23. Passou mais 40 anos no deserto, At 7.30. E passou outros 40 anos na frente de Israel no deserto, morrendo com 120 anos de idade. Dt 34.7.” (BOYER, 2013, p. 364,5)

Seus últimos quarenta anos foram usados para pôr em prática tudo aquilo que aprendera, mas desta vez, formando uma nação diferente da anterior. O propósito de Moisés era, portanto, corrigir política e espiritualmente os “equivocos” da cultura egípcia presentes no povo, fazendo Israel se tornar uma nação especial.

“Moisés é mais importante para as religiões negras do que Jesus, porque ele liderou seu povo na saída da **Babilônia** [?], livrando-os do cativeiro. Portanto, esse duplo texto sempre me interessou, essa dupla textualidade. O livro de Paul Gilroy, *O Atlântico negro*,² é um estudo maravilhoso sobre a "diáspora negra" e o papel deste conceito no pensamento afro-americano.” (HALL, 2003, p. 417): [grifo e colchetes nosso]

Nos quarenta anos que passou aprendendo a ser um líder, Moisés foi poderoso:

“Nesse tempo nasceu Moisés, e era mui formoso, e foi criado três meses em casa de seu pai. E, sendo enjeitado, tomou-o a filha de Faraó, e o criou como seu filho. E Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios; e era poderoso em suas palavras e obras. E, quando completou a idade de quarenta anos, veio-lhe ao coração ir visitar seus irmãos, os filhos de Israel.” (Atos 7:20-23)

Foi ainda casado com uma cuxita ou etíope (Nm 12:1). O arqueólogo egípcio Ahmed Osman, autor de livros como *Stranger in the Valley of the Kings: Solving the Mystery of an Ancient Egyptian Mummy* (1987) e *Moses: Pharaoh of Egypt: The Mystery of Akhenaten Resolved* (1990), diz ainda que Moisés teria sido o mesmo faraó Akhenaton, desaparecido aos trinta e cinco anos, mesma idade e época do reaparecimento de Moisés no relato bíblico:

“Estudiosos da História acreditam que o período que Moisés passou entre os egípcios serviu para que ele aprendesse o conceito do “Monoteísmo”, criado pelo faraó Akhenaton, o faraó revolucionário, levando tal conceito ao povo judeu. Moisés nasceu no governo do Faraó Ramsés I no período entre 1.250 a.C. e 1.210 a.C., que foi sucessor de Akhenaton, que instituiu no Egito o monoteísmo, proclamando a supremacia de um só Deus, Amon-Rá.” (OSMAN, 1990)

Akhenaton foi o precursor do monoteísmo, tendo declarado sua fé no disco de Aton. É possível comparar as informações deste disco com o Salmo 104, que é anônimo.

"Apareces cheio de beleza no horizonte do céu, disco vivo que iniciaste a vida. Enquanto levantaste no horizonte oriental, encheste cada país da tua perfeição. És formoso, grande, brilhante, alto em cima do teu universo Teus raios alcançam

os países até o extremo de tudo que criaste.

Porque és Sol, conquistaste-o até aos seus extremos, atando-os para teu filho amado. Porque longe que estejas, teus raios tocam a terra.

Estás diante de nossos olhos, mas teu caminho continua a ser-nos desconhecido. Quando te pões, no horizonte ocidental, o universo fica submerso nas trevas, como morto. Os homens dormem nos quartos com a cabeça envolta, nenhum deles podendo ver seu irmão... Mas na aurora, enquanto te levantas sobre o horizonte, e brilhas, disco solar, ao longo da tua jornada, rompes as trevas emitindo teus raios...

Se te levantas, vive-se, se te põe, morre-se. Tu és a duração da própria vida; vive-se de ti. Os olhos contemplam, sem cessar, tua perfeição, até o ocaso; todo o trabalho para quando te pões no Ocidente.

Enquanto te levantas, fazes crescer todas as coisas para o rei, e apressa apodera-se de todos, desde que organizaste o universo, e fizeste com que surgisse para teu filho, saído da tua pessoa o rei do Alto e do Baixo Egito, que vive de verdade, o Senhor do Duplo País, Neferkheperuré Uaenré, filho de Rá, que vive de verdade, Senhor das coroas, Akhenaton.

Que seja grande a duração de sua vida e a de sua grande esposa que o ama, a dama do duplo país, Neferneferuaton Nefertiti, que lhe seja dado viver e rejuvenescer para sempre, eternamente." (MISTÉRIOS ANTIGOS, 2014)

O mesmo acontece com o primeiro capítulo da Bíblia (Gênesis 1:1). Escrito por Moisés, é facilmente comparado com a principal cosmogonia egípcia: o mito de Nut.

“No princípio não havia nada, a não ser o NUM (o oceano primitivo, ou o rio Nilo, no momento das cheias.) Depois do fundo das águas emergiu uma porção de terra. Nessa ilha, surgiu um ovo, e dentro dele, irrompeu o deus Rá, o sol, que irradiou sua luz pelo espaço. Rá gerou seus filhos e começou a organizar o mundo. Surgiram, então, Geb, (deus da terra) e sua irmã Nut (deusa do céu). Nut curvou-se em volta da Terra, com seu corpo cheio de estrelas. O ventre de Nut era sustentado pelo ar (Chu). À noite, quando Rá se recolhe no mundo invisível, Consu (deusa da Lua) domina os céus.” (QUESNEL, 1998, p. 2).

1. 4. Mapeamento bíblico de pessoas e territórios africanos

Compara-se a versão bíblica com a histórica. Há mais aproximações que diferenças:

“E plantou o SENHOR Deus um jardim no Éden, da banda do Oriente, e pôs ali o homem que tinha formado. E saía um rio do Éden para regar o jardim; e dali se dividia e se tornava em quatro braços. O nome do primeiro é Pisom; este é o que rodeia toda a terra de HAVILÁ, onde há ouro. E o nome do segundo rio é GIOM; este é o que rodeia toda a terra de CUXE.” (Gênesis 2: 8,10,13.)

Giom chamado por vezes de rio Nilo e Cuxe (Etiópia), são limites do jardim do Éden. Ou seja, parte do paraíso de Deus na Terra era na África. As semelhanças continuam:

“E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.” (Gênesis 2:7)

A Bíblia comunga com a ciência em dizer que a origem do homem é a África.

“África: vestígios da origem da humanidade

Os mais antigos fósseis de homínídeos encontrados até hoje indicam a África como o local de origem dos ancestrais dos seres humanos.

Em 1924, na África do Sul, foi encontrado o primeiro fóssil de *Australopithecus*, que, como já vimos, é o gênero de homínídeo mais antigo de que se tem conhecimento.

Cinquenta anos depois, em Afar, na Etiópia, o pesquisador Donald C. Johanson descobriu o esqueleto feminino de uma das três mais antigas espécies de *Australopithecus*, o *A. afarensis*. O fóssil, que recebeu o nome de Lucy, data de aproximadamente 3,2 milhões de anos.

Nessa mesma região da África, em janeiro de 2001, pesquisadores encontram o fóssil de uma criança, datado de 3,4 milhões de anos.

Como vimos, as primeiras espécies do gênero *Homo* também se originaram na África e daí partiram para ocupar outros continentes.” (OSMAN, 1987, p. 20)

Boyer (2013, *passim*) apresenta abaixo verbetes relacionados ao território africano:

“ÁFRICA: Um dos cinco continentes do mundo. A palavra não está na Bíblia, mas se mencionam a Líbia (Ludim, Gn 10.13), a Etiópia, o Egito e outras partes.” (BOYER, 2013, p. 27)

Além destes territórios, a Bíblia fala de **ALEXANDRIA** (At 6.9; 27.6; 28.11) **CIRENE**, uma cidade da Líbia (Mt 27.32; At 2.10; 6.9; 11.20; 13.1), **CUXE** (Gn 10.6-8), a terra que circunda o Éden (Gn 2.13), **ETIÓPIA**, também chamada de Cuxe (Gn 10.6-8; 2 Rs 19.9; Et 1.1; 8.9; Is 18.; Sf 2.12), **LÍBIA** (Na 3.9; At 2.10); **MAR MEDITERRÂNEO:** Mar situado entre a Europa e a África (Nm 13.29; Jz 5.17; At 10.6; Js 9.1; 15.12; Ez 48.28; Êx 23,31; Dt 11.24; Jl 2.20; Mc 7.24.; At 9.30; 13.4; 16.8; 18.18; 21.7; 21.3; 27.3; 28.12; 28.13), **MAR VERMELHO**, o golfo Arábico, ou Mar Eritreu, entre a Arábia e a África (Êx 10.19; 13.18. 14.22; Sl 106.9; 136.13,14; At 7.36. Êx 14.28; Dt 11.4; Sl 106.11; 136.15; Êx 14.30; Js 2.9,10; Js 4.23; 1 Rs 9.26; 2 Cr 20.36,37; Hb 11.29), **MÊNFI:** Capital antiga do Egito (Is 19.13; Jr 44.1; 46.19; Ez 30.13. 16; Os 9.6. É o lugar do grande colosso de Ramsés II e a imensa esfinge de alabastro. **NILO:** Grande rio da África oriental. (Gn 15.18; Is 7.18; Na 3.8; Gn 12.10; Gn 47.6; Êx 2.3; 7.20; Is 19.7; 23.3; Jr 46.7.) **NO-AMOM**, Nome da antiga Tebas, capital de nove dinastias do Egito (Jr 46.25. Ez 30.14-16), **NUMÍDIA:** Região da África antiga, entre Cartago e Maurítânia, **OM**, a

capital, talvez, do Egito; certamente a sede religiosa do país. (Gn 41.45,50; 46.20) **PUL:** Um país e povo da África (Is 66.19).

Veem-se aqui grandes países e reinos, além de grandes paisagens naturais e cartões postais. Isso para não falar das pirâmides, presentes no Egito e na Núbia. (BOYER, 2013, p. 422). Além desta riqueza, vale a pena lembrar os grandes africanos da Bíblia.

“**FARAÓ**, A grande casa: O título dos soberanos do Egito. Muitos Faraós foram sepultados nas pirâmides. Nenhum Faraó das Escrituras pode com certeza ser identificado, a exceção do Faraó-Neco e do Faraó-Hofra, 2 Rs 23.29; Jr 44.30. O Faraó da opressão era, talvez, Ramsés II; o do Êxodo, Menepta II. || Faraó tomou a mulher de Abraão, Gn 12.15. O patrão de José, Gn 40. Teve um sonho, Gn 41. Israel apresentado a Faraó, Gn 47. Afligiu os israelitas, Êx 1.10. Permitiu o Êxodo, cap. 12.31. Perseguiu Israel e morreu afogado, Êx 14. O sogro de Salomão, 1 Rs 3.1. Auxiliou Hadade, 1, Rs 11.19. Precipitou no Mar Vermelho a Faraó, Sl 136.15. A Escritura diz a Faraó, Rm 9.17. Recusou ser chamado filho da filha de Faraó, Hb 11.24.” (BOYER, 2013, p. 222)

Encontram-se também os **PTOLOMEU** (nome de 16 reis do Egito: Dn 11.5), **CANDACE** (At 8.27: o título real que usavam as rainhas da Etiópia), **SÔ** (um dos reis do Egito, talvez o Shabaka que fundou a dinastia da Etiópia: 2 Rs 17.4-6) e **TIRACA** (o rei da Etiópia que avançou contra Senaqueribe, enquanto este ameaçava destruir a Judá, Is 37.9). Menciona-se também **TAFNES** (uma rainha egípcia, a mulher do Faraó: 1 Rs 11.19, 20) e uma cidade importante do limite oriental do Baixo Egito (Jr 2.16; Jr 43.7; 44.1; Ez 30.18), a **RAINHA DE SABÁ** (1 Rs 10.1-13), **SISAQUE** (Rei do Egito, 952 a 930 A.C. Acolheu Jeroboão, quando fugiu de Salomão: 1 Rs 11.40) e **NINRODE** (Valente caçador, filho de Cuxe e bisneto de Noé, que fundou a cidade de Nínive: Gn 10.8, 9; 10.11, 12).

As populações africanas que aparecem na Bíblia são: **RAAMÁ** (filho de Cuxe, filho de Cão, Gn 10.7. Os homens da tribo de Raamá tornaram-se notáveis como negociantes: Ez 27.22), **LÍBIOS** (2 Cr 12.3; 16.8; Dn 11.43. Os habitantes da costa setentrional da África, território que se estendia desde o ocidente do Egito até, talvez, às Colunas de Hércules.) **ETÍOPES** (indivíduo natural da Etiópia. Inumerável, líbios, suquitas e etíopes, 2 Cr 12.3. O Senhor feriu os etíopes diante de Asa, 2 Cr 14.12; Jr 13.23; Jr 38.1-13; Dn 11.43; At 8.27.) **EGÍPCIOS** (indivíduo natural do Egito. Uma serva egípcia, por nome Hagar, Gn 16.1; Êx 1.19; 2.11; 2.19; Dt 23.7; At 21.38; Hb 11.29) e **ALEXANDRINOS** (Judeus de Alexandria que, com outros, tinham uma sinagoga em Jerusalém, At 6.9).

Outros africanos citados na Bíblia são: a **CUSITA** (Mulher de Moisés: Nm 12.1), **EBEDE-MELEQUE** (hb. *Servo do rei*, O etíope que salvou Jeremias da cisterna: Jr 38.7.), **SIMAO CIRENEU** (que levou a cruz, Mt 27.32), o **EUNUCO DE CANDACE** (At 8.27), **SIMAO NIGER** (lat. *Preto*: um mestre e profeta da igreja de Antioquia: At 13.1).

Entre os nomes de pessoas que aparecem na África estão: **ARÃO** (irmão mais velho de Moisés e Miriã: Nm 26.59. Nasceu no Egito, três anos antes de Moisés: Êx 7.7) **JEREMIAS** (levado ao Egito: Jr 43.7), **JESUS CRISTO** (A fuga para o Egito e a volta para Nazare, Mt 2.13-23) e **MATEUS** (a tradição diz que, depois de pregar aos seus conterrâneos, foi para outras nações, e que Etiópia foi o centro dos seus trabalhos.).

Há de se dizer também que o maior vulto do Antigo Testamento (antes de Cristo) e o maior do Novo Testamento (depois de Cristo) foram caracterizados por estrangeiros como egípcios: **MOISÉS**, pelas midianitas filhas de Jetro: “E elas disseram: Um homem egípcio nos livrou da mão dos pastores; e também nos tirou água em abundância, e deu de beber ao rebanho.” (Êx 2:19), e **PAULO**, pelo tribuno da fortaleza em que estava preso: “Não és tu porventura aquele egípcio que antes destes dias fez uma sedição e levou ao deserto quatro mil salteadores?” (Atos 21:38).

1. 5. Mapeamento de africanos na história do Cristianismo

A história do Cristianismo também possui os seus destaques africanos, mas em menor número. Boyer diz sobre as **VERSÕES DAS ESCRITURAS**:

“3) *As versões latinas*: A Africana circulava no norte da África pelo fim do século II. Tertuliano, Cipriano e Agostinho serviam-se desta versão. A itala ou Italiana foi uma revisão da Africana. A Vulgata, isto é, “a versão corrente”, foi feita por Jerônimo (331 a 420).” (BOYER, 2013, p. 542)

Os dois primeiros padres africanos citados por Boyer aparecem no livro biográfico de São Jerônimo, intitulado: “Os Homens Ilustres” na posição 53 e 67. Outros africanos ilustres até o século V (época de Jerônimo) são, conforme constam (MACERLEAN, 2012, *passim*): 11) Fílon de Alexandria, (34) **Papa Vítor I**, (36) Panteno, teólogo em Alexandria (38) Clemente de Alexandria, (39) **Papa Melquíades**, (54) Orígenes, (55) Amônio de Alexandria, (56) Ambrósio de Alexandria, (63) Júlio

Africano, (67) Cipriano de Cartago, (68) Pôncio de Cartago, (69) Dionísio de Alexandria, (76) Pierius, de Alexandria, (79) Arnóbio de Sica, o retórico, (87) Atanásio de Alexandria, (93) Donato de Casa Nigra, (97) Fortunatiano, (99) Serapião, (101) Vitorino, (109) Dídimo, o Cego, (110) Optato de Milevi.

Os africanos representam dezessete por cento do total dos homens ilustres. Percebe-se nesta lista o nome de dois papas africanos. O terceiro foi São Gelásio, conforme outro livro de Jerônimo, “De Liber Pontificalis” (DAVIS, 1989). Eles representam um e três décimos por cento dos duzentos e sessenta e cinco pontífices desde São Pedro. Após o século V, não se teve notícia de papa africano. Atribui-se a isso a dominação árabe no século VII, fazendo com que a África do Norte se tornasse muçulmana até hoje. Finalmente, nove por cento dos trinta e três doutores da Igreja são africanos: Agostinho de Hipona, Atanásio de Alexandria e Cirilo de Alexandria.

E hoje, ainda há papas africanos? Não somente papa africano, mas todo um ramo da Igreja Católica que se desenvolveu na África chamada Igreja Copta. O papa Teodoro II de Alexandria é o *Papa de Alexandria e Patriarca da Predicação de São Marcos e de toda a África* desde 2012 e Abune Paulos é *Patriarca da Igreja Ortodoxa Etíope*.

1. 6. Personagens a serem estudados nas aulas sobre Cultura Africana:

Ainda conforme a Resolução CNE/CP nº 01/04, o ensino de Cultura Africana abrangerá:

“- as tecnologias de agricultura, de beneficiamento de cultivos, de mineração e de edificações trazidas pelos escravizados, bem como a produção científica, artística (artes plásticas, literatura, música, dança, teatro) política, na atualidade.” (BRASIL, 2013b, p. 6)

Assim sendo, falar-se-á de um deles aqui: o mestre Manoel de Ataíde, que utilizou temas bíblicos e arte africana.

“MANUEL DA COSTA ATAÍDE (1762-1837)

Ataíde foi um dos primeiros artistas barrocos genuinamente brasileiros. Pintou anjos mulatos, madonas mestiças e decorou obras arquitetônicas em cores puramente tropicais.

Seus grandes trabalhos incluem os tetos em que o efeito artístico dá uma

impressão de movimento, como na igreja de São Francisco de Assis, em Ouro Preto. Uma madona mulata, muito parecida com a namorada de Ataíde, parece estar subindo ao céu acompanhada por dúzias de anjos mulatos. Observando a obra, os olhos percorrem o teto e se dirigem ao céu.” (MANGUE, 2003, p.30)

Na literatura:

“O pequeno número de autores afrodescendentes inscritos no cânone literário brasileiro – Machado de Assis (1881-1922), Cruz e Souza (1861 - 1898), Lima Barreto (1881 - 1922) – já é uma clara evidência do lugar destinado ao negro em nossa sociedade. Sem acesso à educação e acantonados no limiar da miséria, os afrodescendentes não se constituíram como cidadãos; impedidos de agir como sujeitos da própria história, sucumbiram, pela força da opressão, a meros coadjuvantes da construção de uma identidade nacional. Raros são, até pelo menos o último quartel do século XX, os romances ou contos protagonizados por personagens afrodescendentes.” (RUFFATO, 2009, p. 11)

Também deverá ser ensinado pela Resolução acima:

“- o ensino de História e Cultura Africana se fará por diferentes meios, inclusive a realização de projetos de diferente natureza, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e de seus descendentes na diáspora, em episódios da história mundial, na construção econômica, social e cultural das nações do continente africano e da diáspora, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social (entre outros: rainha Nzinga, Toussaint-Louverture, Martin Luther King, Malcon X, Marcus Garvey, Aimé Cesaire, Léopold Senghor, Mariama Bâ, Amílcar Cabral, Cheik Anta Diop, Steve Biko, Nelson Mandela, Aminata Traoré, Christiane Taubira).” (BRASIL, 2013b, p. 6)

Observa-se nesta lista o nome do pastor protestante Martin Luther King, ícone da necessidade de reconhecimento da igualdade racial nos Estados Unidos. Seu discurso envolve pregação e luta pelo movimento social negro. A mensagem do pastor negro norte-americano que caminhou sobre Washington dizendo que cem anos após a abolição, o negro ainda não estava livre e, através do discurso protestante, conscientiza a população branca e negra a viverem sob a égide da igualdade racial.

"Eu estou contente em unir-me com vocês no dia que entrará para a história como a maior demonstração pela liberdade na história de nossa nação. Cem anos atrás, um grande americano, na qual estamos sob sua simbólica sombra, assinou a Proclamação de Emancipação. Esse importante decreto veio como um grande farol de esperança para milhões de escravos negros que tinham murchados nas chamas da injustiça. Ele veio como uma alvorada para terminar a longa noite de seus cativos.

Mas cem anos depois, o Negro ainda não é livre. Cem anos depois, a vida do Negro ainda é tristemente inválida pelas algemas da segregação e as cadeias de discriminação. Cem anos depois, o Negro vive em uma ilha só de pobreza no meio de um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos depois, o Negro

ainda adoece nos cantos da sociedade americana e se encontram exilados em sua própria terra. Assim, nós viemos aqui hoje para dramatizar sua vergonhosa condição.

...

E quando isto acontecer, quando nós permitimos o sino da liberdade soar, quando nós deixarmos ele soar em toda moradia e todo vilarejo, em todo estado e em toda cidade, nós poderemos acelerar aquele dia quando todas as crianças de Deus, homens pretos e homens brancos, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão unir mãos e cantar nas palavras do velho spiritual negro: "Livre afinal, livre afinal. Agradeço ao Deus todo-poderoso, nós somos livres afinal." (*Martin Luther King Jr.*, 28/08/1963)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se através deste artigo responder ao problema sobre como a Bíblia entende a história e a cultura da África, como ela analisa a hegemonia da civilização egípcia, como observa o Egito dentro deste continente, como foi esta relação durante a história da Igreja no Novo Testamento e nos vinte séculos de Cristianismo, abordando o tema pelo viés da cultura, da filosofia, da política, da arte e da literatura. Preocupou-se também com o motivo que leva, segundo estatísticas, a população afro-americana a ser majoritariamente protestante, e a Igreja a se posicionar como movimento social, sendo que, ao longo da história, teve papel intermitente entre estar a favor da hegemonia ou ao lado da luta de classes das camadas subalternas ou populares.

A partir da análise feita sobre o discurso religioso, compreendeu-se o desvio hermenêutico cristão, repercutindo na hegemonia ocidental que se apropriou da literatura bíblica e, baseando-se nela, defendeu a perseguição, a inquisição, a tortura, a escravidão, o preconceito, a discriminação. Portanto, deverá ser estudada a africanidade como de fato é apontada nas Escrituras Sagradas e não com um conceito sócio-político-hegemônico de raça para justificar uma ideologia escravista-cristã. Para isso, foi observada na Bíblia o registro dos principais lugares, personagens e histórias, referentes a estes povos, bem como na história do Cristianismo a influência e a contribuição dos africanos e afrodescendentes tanto na história geral quanto na história do Brasil.

Conclui-se o texto com a seguinte proposta: uma hermenêutica séria e bem realizada dará o devido valor para o negro e sua história, colocando-os inclusive na posição de dominante e quebrando o paradigma do pensamento ocidental discriminatório, como foi o caso de alguns eruditos da ciência e da teologia em diferentes épocas que falaram de uma

raça negra sem alma e civilização.

REFERÊNCIAS:

BOAHEN, Albert Adu. *História Geral da África – Vol. VII – África sob dominação colonial*. UNESCO/MEC/UFSCar, 2010.

BOCHETTI, Luciana. *Mistérios Antigos*. Disponível: <http://www.misteriosantigos.com/pagina15.htm>. Acesso em: 20 mai. 2014.

BOURCIER. Paul. *História da Dança no Ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOYER, Orlando. *Pequena Enciclopédia Bíblia*. 31ª impressão. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

BRASIL. *Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Secretaria Especial de Informática, 2013.

BRASIL. **RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana** (anexo o Parecer CNE/CP nº 3/2004)

CASTRO, Gabriel (entrevista) *Deputado evangélico vê maldição sobre África*. Brasil. VEJA: São Paulo, Abril, 01/04/2011. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/deputado-maldicao-africana-tambem-chegou-ao-brasil>. Acesso em: 20 mai. 14.

COMISSÃO CATÓLICA INTERNACIONAL. *Catecismo da Igreja Católica*. Ed. Típica Vaticana. Ed. Loyola, São Paulo, 2000.

_____. *Memória e Reconciliação: A Igreja e as culpas do passado*. Ed. Loyola. 2000.

DAVIS, Raymond, *The Book of Pontiffs (Liber Pontificalis)*. Liverpool: University of Liverpool Press, 1989

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Como trabalhar com "raça" em sociologia*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Sovik, Liv (org.) Resende, Adelaine La Guardia (trad.) Belo Horizonte: Editora UFMG: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MACERLEAN, Andrew Alphonsus. *The Catholic Encyclopedia: An International Work of Reference on the Constitution, Doctrine, Discipline, and History of the Catholic*

Church. Robert Appleton Co.; 1912.

MANGUE, Marilyn Diggs. *Arte Brasileira para Crianças*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

QUESNEL, Alain. *O Egito: mitos e lendas*. Ática, 1998.

RUFFATO, Luiz (org.) *Questão de Pele. Contos sobre Preconceito Racial*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

SILVA, Marcos Rodrigues da. *O negro no Brasil: história e desafios*. Ed. FTD, 1987.